

Carreira Diplomática 29-9-57

PUBLICA a «Tribuna» da Imprensa» algumas das perguntas feitas na prova de português do vestibular para o Curso de Preparação à Carreira Diplomática. Muitas delas versam sobre a obra de Camões. Confesso lisamente que, apesar de ser admirador de Camões e já ter lido toda a sua obra, e relido muitas vezes as partes que mais admiro, eu não conseguiria responder com exatidão a nenhuma dessas perguntas. E' que se trata de perguntinhas matreiras sobre detalhes insignificantes. Indaga-se, por exemplo, o título de um poema que é uma paráfrase ao salmo «Super Flumina». Sei de cor uma parte desse poema, mas não me lembro das palavras que lhe servem de título; estaria, portanto, reprovado. E' justo?

Lembro-me que certa vez, quando eu ainda tinha idade para fazer concursos, cheguei a comprar o «Diário Oficial» que trazia o programa do concurso de admissão ao Itamarati. Foi passar os olhos e desanimar. Um ponto inteiro era sobre as «Cartas Chilenas». Já li as «Cartas» e também tomei conhecimento da discussão em torno de sua autoria. Mas a prova exigia mais: exigia que o candidato soubesse todos os argumentos de uma e outra parte. Achei ridículo, e desisti. O Brasil certamente não perdeu um grande diplomata, o Rio Branco de Itapemirim — mas também não ganhou coisa alguma em ter no exterior alguns representantes perfeitamente informados a respeito de uma polémica literária de interesse relativo.

Não participo da implicância que muitos têm pelos nossos diplomatas. Acredito mesmo que nosso corpo diplomático é hoje dos melhores do Continente e faz boa figura em qualquer parte do mundo. Se a orientação de nossa política externa costuma ser lamentável, a culpa não é dos diplomatas, que não são eles que a formulam, apenas a executam. E se há, na carreira, figuras deploráveis, como há no Exército e em qualquer outra parte, também há elementos esplêndidos como inteligência, cultura, decência, dedicação e capacidade de trabalho. Acredito ainda que é estimável o rigor na seleção dos alunos do Instituto Rio Branco e também no próprio curso. Mas nesses casos a que me refiro não se trata de rigor; trata-se de puro preciosismo, preciosismo de charadista suburbano. A seleção que se faz através de tais perguntas é uma seleção falsa, que pode inclusive chegar a ser negativa.

Precisamos de diplomatas de boa cultura geral e informação segura sobre os assuntos que mais de perto interessam à carreira, e não de humanistazinhos pedantes com a cabeça cheia de pequenas noções de bobagem. Mais ridículo e pernicioso que esses programas, só mesmo o de nosso curso ginásial, com três anos de latim que ninguém aprende, e só servem para dar emprego a padres e ex-seminaristas.

No dia em que os cientistas e técnicos americanos ou russos conseguirem chegar à Lua vão encontrar lá, seguramente, uma pequena multidão de doutores e diplomatas brasileiros matando palavras cruzadas sobre assuntos de mitologia.